

Pesa na
Hoje
sua banca

ROMANCE UM CAPRICHIO DA NATUREZA POR € 1
O LIVRO DA PRÉMIO NOBEL NADINE GORDIMER



SÁBADO

Nº 214 - 5 A 10 DE JUNHO - € 2,80 (CONT.)

ONDE OS MAIS RICOS ESCONDEM O DINHEIRO

- O que os donos das grandes fortunas fazem para pagar menos impostos: mais de metade das casas da zona da Quinta do Lago estão registadas em paraísos fiscais
- No BCP só um alto funcionário tinha a chave do arquivo secreto dos clientes com *offshores*
- As ligações de Joe Berardo e Horácio Roque a paraísos fiscais que foram descobertas pela Operação Furacão



REPORTAGEM NA SUÍÇA
Como Deco e Ronaldo se comportam na selecção

NOVA LÍDER DO PSD
A saga da família Ferreira Leite

ROUPAS, NAMORADOS E TRAIÇÕES
As portuguesas que vivem como no *Sexo e a Cidade*



Giovanni Maria Vian

Nasceu em Roma há 56 anos. Até Novembro, quando passou a director do jornal oficial do Vaticano, era professor de Filologia Patrística. Texto: Stefano Lorenzetto

“O Papa quer um jornal de confronto”

Desde que dirige o *L'Osservatore Romano*, muita coisa mudou: novo grafismo, novos colaboradores, alguns não católicos, e até uma apologia de Bruce Springsteen

CITYFILES



Está no escritório desde as 7h. Tem de fechar até às 14h a edição, que estará pronta e impressa às 15h, com a data do dia seguinte. “Os jornalistas são 27, aos quais se somam 25 colaboradores para as edições estrangeiras, que eu apelido de periódicas, porque, para a Santa Sé, ninguém é estrangeiro. Muitas das redactoras políglotas são casadas e com filhos”, explica Giovanni Maria Vian, director do *L'Osservatore Romano*, o jornal do Vaticano. Ajeita o relógio Swatch, colocado por cima do punho da camisa, à moda de Giovanni Agnelli, o patrão da Fiat. A pulseira tem um código de barras, que um es-

critor francês, Marc Dem, chegou a identificar com o 666 do Anticristo. Para se ter uma ideia da sua atenção às pequenas coisas, basta citar o seguinte episódio: a 27 de Novembro, um mês depois de ter sido nomeado director, contei-lhe que tinha encontrado o *L'Osservatore* em cima do balcão de um restaurante, o Alla Pergola, para os clientes lerem; a 27 de Fevereiro citou a curiosidade num editorial na primeira página, intitulado *Para difundir o diário do Papa*.

As vendas são um problema antigo.

A tiragem é de 20 mil exemplares, que sobem para 100 mil ao domingo, quando o

jornal é distribuído em conjunto com *L'Espresso di Bergamo*. Uma novidade bem recente.

Os seus exemplares não se contam, pesam-se.

Estou de acordo. Todavia, pesam também nas finanças da Santa Sé. Infelizmente, perdemos 4,5 milhões de euros por ano.

Cesidio Lolli, que escrevia uma crónica diária sobre o Papa, encontrava-se quase diariamente com Pio XII e João XXIII. O senhor vê frequentemente Bento XVI?

A última vez foi anteontem. Mas tratava-se de uma audiência concedida ao Pontifício Comité para as Ciências Históricas, do qual

faço parte. Antes, quando estava à frente do *L'Osservatore* há nove dias, o secretário, monsenhor Georg Gänswein, telefonou-me: “Está livre na quinta, 8 de Novembro? O Santo Padre ficaria agradado de o ter como convidado ao almoço.”

E arranjou maneira de ficar livre.

Subi ao Palácio Apostólico com Carlo Di Cicco, o vice-director que trouxe comigo da agência católica Asca.

Indro Montanelli afirmava: “É confortante ver as colunas de chumbo do *L'Osservatore*, sólidas e imponentes como aquelas da Basílica Vaticana.”

Aqui escreveram o meu avô e o meu pai. Eu comecei a colaborar em 1977. O primeiro acto como director foi voltar ao grafismo dos anos 20. Caracteres Baskerville, o retorno à simplicidade.

Onde nasceu?

Em Roma. Fui baptizado em São Pedro pelo então futuro Papa Paulo VI, director espiritual de meu pai, Nello, que tinha sido mandado especializar-se em Biblioteconomia, pelo padre Agostino Gemelli, na Biblioteca Vaticana. O meu avô Agostino era amigo de São Pio X. O seu foi o último matrimónio celebrado pelo patriarca Giuseppe Sarto, antes de par-

tir para o conclave de 1903, do qual sairia como pontífice. A minha mãe, Cesarina Ghioldi, era de Guanzate, filha de queijeiros, e orgulhosa por ter sido baptizada com o rito ambrosiano: de cabeça para baixo.

Mas Vian não é um apelido romano.

Família veneziana, aparentada com o último ramo dos *doges* Contarini, a linhagem que deu à Igreja o cardeal Gasparo, o Lutero italiano. O antepassado, Andrea Vian, era um lenhador friulano recrutado para as tropas de Napoleão como granadeiro. Na batalha de Beresina salvou-se esventrando o cavalo e escondendo-se dentro da barriga do animal. ▶



► É casado?

Viúvo. A minha mulher, Margarita Rodríguez, faleceu em 2000. Adoeceu de esclerose múltipla. Não tivemos filhos e, nestes casos, ficamos sempre com a dúvida... (baixa o olhar). Teriam presenciado a agonia da mãe.

Quem o escolheu?

O director do *L'Osservatore* é nomeado pelo Papa. Creio que quem sugeriu o meu nome foi o secretário de Estado. Conheço o cardeal Tarcisio Bertone desde 1984. Éramos ambos colaboradores da enciclopédia Treccani.

Como foi a passagem de testemunho com o anterior director, Mario Agnes?

Passámos do “você” para o “tu”. Fez questão de me apresentar um a um os colaboradores e, às 12h, recitámos todos juntos o *Angelus*, como se faz todos os dias no *Osservatore*. Quando nos separámos, disse-me: “Eu por 23 anos, tu, pelo menos, por 25.”

Quando Bento XV, em 1920, chamou para dirigir o *L'Osservatore* o conde Giuseppe dalla Torre, que acabou por ficar 40 anos como director, deu-lhe o seguinte aviso: “Recordai-vos bem de que a culpa é sempre vossa, sobretudo quando é Nossa.”

Somos o órgão oficioso da Santa Sé, não oficial, à parte a secção Nossas Informações, que menciona nomeações e audiências do Santo Padre.

Que mandato é que recebeu?

Informar sobre a Itália numa óptica internacional, dar mais espaço às Igrejas orientais, mesmo não católicas, alargar a plateia das assinaturas femininas.

“O primeiro acto como director do *L'Osservatore* foi voltar ao grafismo dos anos 20, o retorno à simplicidade

Teceu elogios a Bruce Springsteen. Que alegria deve ter tido o director da Capela Sistina...

[Risos] Não conheço o ponto de vista de monsenhor Giuseppe Liberto. [Pede informações a um redactor. A resposta é impiedosa: ‘Não gosta lá muito.’]. De música, falámos muito, dando espaço a tradicionalistas inovadores.

Giovanni Battista Montini, que o baptizou, escreveu: “No *Osservatore* não se fala de teatro, de desporto, de finanças, de modas, de processos, de banda desenhada, de palavras cruzadas.”

Ex professo, acrescentava. Ou seja, não se fala disso, usualmente. De facto, acabei de passar um artigo financeiro do banqueiro Ettore Gotti Tedeschi.

O jornalista Cesare Marchi, que se estreou precisamente no *Osservatore*, viu a sua colaboração terminar abruptamente por ter proposto a Dalla Torre um artigo literário sobre Lesbia. Talvez o senhor o tivesse publicado.

Não sei, teria de o ler. Como posso ter preconceitos para com um poeta latino cujas obras foram salvas pelos monges medievais? Toda a tradição clássica sobreviveu graças ao Cris-

tianismo, tal como escrevi no meu livro *Bibliotheca Divina*.

A partir de Agosto porá a escrever um intelectual de origem argelina, Khaled Fouad Allam, que o *La Repubblica* tinha contratado para substituir um outro Allam, bem mais famoso, Magdi, que passou para o *Corriere della Sera*.

Tudo é possível, *inshallah*. Se Deus quiser, também esta colaboração se concretizará. O Papa deseja que o *L'Osservatore* seja lugar de confronto. É a grande lição de Ratisbona. O bispo Cesare Mazzolari, missionário comboniano no Sudão do fundamentalista Hassan el-Turabi, disse-me: “Os muçulmanos é que nos converterão, e não o contrário. A mim deitam abaixo as escolas e vocês escancaram-lhes as portas das igrejas. Se alguém é ladrão, não lhe deves dar um quarto dentro do teu apartamento, porque cedo ou tarde o encontrarás sem a tua mobília.”

Que jornais italianos lê o Papa Bento XVI?

Tirando o *L'Osservatore* e o *Avvenire*, sei que o Santo Padre dá, todos os dias, uma olhadela à primeira página do *Corriere della Sera*.

Antes de chegar até aqui, o senhor colaborava com muitos jornais, incluindo o *Il Foglio* e *Europa*, o diário da Margherita [coligação de esquerda]. Uma transversalidade surpreendente.

Sempre escrevi por convite. E de bom grado, mesmo a custo de merecer os epítetos *teocón* e *teodem* [neologismos para político cristão-conservador e político cristão-democrata de esquerda] conforme os óculos ideológicos usados por quem estava a ler os meus textos.

Enquanto estava à sua espera, descí às Grutas Vaticanas. Na tumba de Paulo VI, ninguém a rezar; na tumba de João Paulo I, o mesmo; na tumba de João Paulo II, rixa entre os fiéis. O esquecimento atinge também os sucessores de Pedro?

O esquecimento atinge todos. O pontificado de Karol Wojtyła foi o segundo mais longo da História, a seguir ao de Pio IX: 27 anos e meio. Muitos fiéis nasceram com ele, para eles é o único Papa.

Não encontrei ninguém a rezar sequer sobre a tumba de São Pedro.

Talvez as pessoas estejam a ver demasiada televisão.

A sua fé em Deus jamais vacilou?

Não. Mas não foi mérito meu. ●

Exclusivo SÁBADO/Panorama